

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

FOTOS EVANDRO OLIVEIRA/JC



Sibelle Machado abre exposição na Gravura Galeria de Arte

ARTES VISUAIS

Meditações de uma franco-brasileira à beira d'água

Amanda Flora
amandaf@jcrs.com.br

O fluxo do Guaíba e as tensões do mundo contemporâneo servem de plano de fundo para a artista gaúcha radicada na França, Sibelle Machado, inaugurar a exposição *Meditações à beira d'água*, na Gravura Galeria de Arte (Coronel Corte Real, 647). Além de uma investigação poética sobre a água, a mostra explicita a crítica politizada que atravessa a trajetória da gravurista. “Eu não consigo esconder isso. Tem uma parte militante que vem comigo. Não me vejo fora do que está acontecendo no mundo”, afirma.

Desde 1978 na França, Sibelle construiu carreira na Europa, mas mantém vínculos profundos com

o Sul do Brasil, onde iniciou sua formação. Nascida em Santo Ângelo e criada em Porto Alegre, frequentou o Ateliê Livre da Prefeitura ainda adolescente. “Eu aprendi a fazer gravura aqui. Gravo desde os 15 anos. Era uma obsessão desenhar, pintar, inventar coisas”, relembra, em entrevista ao *Jornal do Comércio*.

A ida para a França aconteceu em meio à ditadura militar brasileira e como uma consequência dela. “Eu estava muito engajada politicamente. Meu pai disse: ‘você precisa ir um pouco mais longe’”, conta, lembrando a preocupação do pai diante da repressão que a sociedade civil vivia na época. Em Toulouse, ainda estudante, já expunha xilogravuras e linogravuras - técnica que utiliza tintas à

base de óleo e matrizes em material maleável, como o linóleo. Depois aprofundou os estudos em belas-arts e design, vivendo por décadas em Paris antes de se estabelecer na região da Occitânia, próxima ao Mediterrâneo, onde vive hoje.

Essa exposição corresponde à segunda etapa de um projeto itinerante dedicado às simbologias da água. A primeira fase ocorreu no Mediterrâneo, com foco em sereias, mitos e nos mistérios contemporâneos que atravessam aquele mar. Agora, em Porto Alegre, o eixo conceitual dialoga com a célebre frase do filósofo Heráclito: “Ninguém pode entrar duas vezes no mesmo rio”.

“Heráclito diz que o rio está sempre passando, e nós também. Mesmo que você volte ao mesmo lugar, não é mais a mesma pessoa. O rio nunca é o mesmo rio. E tu nunca és a mesma pessoa na beira do rio”, explica. A metáfora do curso da água serve tanto à reflexão existencial quanto à leitura histórica no hoje. “A água é calma, tranquila. Mas pode ser poderosa, destruidora”, diz, lembrando as enchentes de 2024 que assolaram o Estado e também as inundações ocorridas na região onde vive, na França.

A politização aparece no trabalho, e para ela, é impossível que isso não aconteça. Em uma das obras, o barro e o lodo remetem

a territórios devastados por conflitos. “Para mim, aquela ali é a faixa de Gaza. Tudo que estão destruindo, aquelas mulheres morrendo”, afirma. “Quando estou fazendo, não penso racionalmente. Eu leio, deixo decantar. Depois deixo acontecer. Mas isso está em mim.”

Em suas produções, Sibelle reutiliza matrizes de linogravura produzidas na França e as aplica sobre suportes diversos: papelão, madeira, papéis especiais, tecidos e tapetes usados. “Você vai encontrar a mesma matriz utilizada de maneiras bem diferentes. Aqui é mais sujo, menos nítido. Ali é a gravura tradicional. É a mesma matriz, mas em outro contexto”, explica, apontando para as obras expostas nas paredes da Galeria.

O processo de criação foi atravessado por alguns percalços. Ao chegar a Porto Alegre, a artista fraturou o punho em uma queda e precisou adaptar o modo de trabalho. “Eu faço muita coisa com a mão, mas tive que imprimir com os pés”, relata. Canhota, ela também realizou desenhos com a mão direita.

Os tecidos usados durante a realização das obras, carinhosamente chamados por ela de “tapetes voadores”, sintetizam bem sua prática. Inicialmente usados para proteger o chão do ateliê improvisado, eles acabaram se tornando suporte definitivo das impressões. “Eu só queria proteger. De repente,

olhei aqueles tapetes rasgados, sujos, que sofreram com chuva, com inundação, e pensei: é uma super superfície”, afirma.

A cruz, gravada em Paris no ano de 2001, reaparece em diferentes trabalhos. “Para mim, é a sabedoria, a observação.” Já o peixe, recorrente na exposição, remete à partilha e à sobrevivência. “O peixe representa alimento, fraternidade, partilha. E também foi um sinal escondido para cristãos perseguidos”, explica.

Além da mostra na Gravura - que abre as comemorações de 30 anos da galeria -, Sibelle apresenta um desdobramento do projeto no Clube do Comércio, sob o título *Águas de Março*, com obras expostas de forma mais livre e performances do grupo do Instituto de Artes da Ufrgs chamado Os Insobordinados, que improvisam a partir das imagens e de uma trilha sonora criada especialmente para a exposição.

Com dupla nacionalidade, Sibelle reflete sobre como transita entre culturas. “O primeiro país que a gente habita é a língua”, diz. “Quanto mais línguas tu falas, mais tu podes fazer comparações, metáforas.” Se hoje se considera “mais francesa do que brasileira”, até com dificuldades no vocabulário por conta de estar longe há tanto tempo, ela reconhece que carrega do Brasil “a língua, as referências afetivas da infância e essa coisa da tripa, das entranhas”, diz se referindo à essência e origem.

Meditações à beira d'água fica aberta na Gravura Galeria de Arte até o dia 21 de março, com visitação gratuita de segunda a sexta-feira, das 9h30min às 18h30min, e aos sábados, das 9h30min às 13h30min.